

Abordagem contemporânea da oração de petição a partir de Andrés Torres Queiruga

*Felipe de Moraes Negro*¹

Resumo: Objetiva-se nesta comunicação apresentar uma reflexão sobre a temática da oração de petição a partir da perspectiva de Andrés Torres Queiruga que se destaca por fazer uma teologia diálogo com os paradigmas do mundo contemporâneo. Para atingir este objetivo, pretende-se mostrar que a problemática do mal atravessa os tempos, e continua sendo pertinente na atualidade, uma vez que “O mal não é castigo, mas sim a passagem inevitável do crescimento em toda existência finita”. E num segundo momento, procurar-se-á explicitar a oração de petição com uma apelativa urgência em sua maneira de se materializar. Sob a óptica queruguiana, torna-se urgente rever profundamente o modo de orar, para que a oração se molde à nova imagem de Deus que os tempos agora exigem. Assim sendo, ao longo desta comunicação oral apresentar-se-á reflexões embaladas pelo mal neste contexto hodierno, para que ao final, a partir de Andrés Torres Queiruga, mais precisamente a partir de sua obra “Repensar o mal – Da Ponerologia à Teodicéia”, de modo que se oferte ao leitor, o viés oracional em constante atualização diante dos tempos e que seja efetivamente e intimamente a construção de laço com Deus, propiciando sua revelação, a partir das transformações temporais e que seja o limiar contínuo para a busca de uma humanidade efetivamente comprometida com o bem.

Palavras-chave: Oração de Petição, Mal, Andrés Torres Queiruga e Religião.

INTRODUÇÃO

O PROBLEMA E A INTENÇÃO

Diante de uma exposição do tema da oração de petição produzem-se duas reações. Por um lado, quando se expõe a visão do Deus cristão como amor entregue sem reservas, que não quer nem permite o mal, aparece sempre alguém que conclui: então não é necessário pedir nada a Deus, uma vez que está nos dando tudo. Por outro lado, a reação é a oposta quando o tema é apresentado por si só de modo isolado: então dizer que a oração de petição não é necessária suscita irritação ou agressividade. Pode tomar a direção pessoal daquele que se sente questionado e mesmo agredido em algo muito íntimo, ou a direção doutrinal daquele que crê ameaçado o núcleo da experiência cristã ou da própria fé em Deus.

Diante da reação doutrinal, o diálogo será muito difícil, senão impossível. Dá-se como evidente que já se sabe o que pensa e quer exatamente dizer aquele que faz essa afirmação e se supõe também que toma como ponto de partida as objeções típicas contra a oração: que Deus é imutável, que não se interessa por nós, que as leis físicas... Na reação pessoal, que está desqualificando a conduta dos que pedem, que questiona tanto a tradição como as claras

¹ Mestrando em Ciências da Religião na Puc-Campinas, Especializando em Bioética- UCS, Especializado em Mariologia – Faculdade Dehoniana (padrefenegro12@gmail.com)

afirmações da Bíblia a este respeito. Por esta razão, a reação global é a de defender a doutrina objetiva e preservar a própria vida religiosa. Mas se compreende também que nem os motivos são estes, nem é essa a intenção.

Trata-se, sobretudo, de uma postura teológica. Seus motivos nascem justamente da reflexão sobre a experiência do Deus de Jesus e tratam de garantir sua coerência. O que importa é acolher a Deus assim como ele se revela a nós e preservar a originalidade do seu amor, embora isto signifique romper evidências e quebrar rotinas psicológicas. Por isso, embora possa parecer que se está dizendo a mesma coisa que nas típicas objeções “filosóficas”, na realidade se está dizendo todo o contrário.

É óbvio que não se trata de “julgar” condutas, muito menos “desqualificá-las”. A única coisa que se busca é afinar a experiência da oração e ajudar para uma mais rica e intensa vida religiosa, conservar o melhor do anterior e enriquecê-lo. Neste sentido, questionar a “oração de petição” quer ser somente um meio de proteger e fomentar a “oração” como tal, da que aquela é apenas uma modalidade muito concreta. Não se trata de rezar menos, mas mais e melhor.

Em nenhum momento se pretende também negar os valores reais nem os méritos históricos da oração de petição. Ela deixou monumentos admiráveis de piedade pessoal e coletiva e segue sendo veículo de profundas experiências religiosas. Talvez tenha chegado a hora de melhorar o veículo, conservando seus valores e evitando as disfunções que acreditamos ter descoberto.

1 UMA MUDANÇA NECESSÁRIA

Os homens e mulheres atuais não são melhores ou superiores que nossos antepassados, mas estamos em um momento histórico diferente, de uma mudança cultural profunda. E isto não é uma opção voluntária: é algo que está aí e nos desafia.

Começamos por uma constatação praticamente universal na vida mesma dos crentes que alcançaram intensidade e maturidade: a oração de petição, por um lado, reduz progressivamente seu espaço, passando das necessidades “materiais” às “espirituais”; e, por outro, vai cedendo para outras modalidades: acolhida, louvor, ação de graças... Em segundo lugar está o fato de uma crescente crítica filosófica, que se agravou na modernidade, mas que já vinha dos tempos antigos.

Que a nossa reflexão queira ser teológica, com motivos e conclusões diferentes dos da crítica filosófica, não significa que a deixe de lado. Uma teologia da oração que não deixe questionar sua coerência pela crítica filosófica e não aproveite a riqueza das suas razões, se empobrece a si mesma e acaba gerando uma “má consciência” a base de justificações artificiais e forçadas, fatais para a própria fé.

Não deve estranhar o fato de que se produza certa resistência instintiva. Acontece quando há uma mudança de paradigma: aparecem resistências instintivas; muito mais, quando se tocam estímulos emotivos e vitais muito profundos, como na oração. Acode-se a remendos que modificam para não mudar. Assim se acalma a angústia, mas se atrasa a solução. Uma das responsabilidades mais urgentes e fundamentais da fé, hoje, está justamente em atualizar a compreensão da fé, tornando-a significativa e vivenciável para os homens e mulheres de hoje.

2 PARA ALÉM DA ORAÇÃO DE PETIÇÃO:

Tem sentido “pedir” a um Deus que é amor já sempre entregue?

Do Deus a quem se reza depende o modo como se reza. Por isso, todo inovador religioso e todo mestre espiritual introduziu um modo peculiar de oração. Os próprios discípulos de Jesus lhe pedem que os ensine a rezar “como João” ensinou aos seus (Lc 11, 1).

A pergunta do presente subtítulo quer marcar desde o começo seu caráter teológico. Interroga desde a plenitude positiva de Deus e não desde as típicas objeções às quais ordinariamente atende a defesa da oração de petição. Não parte nem da objeção psicológica do possível egoísmo humano ou da tentativa de manipular a Deus, nem da ético-sociológica de que seria uma demissão da própria responsabilidade, nem da filosófico-teológica de um Deus impessoal ou de uma total e intangível autonomia humana. Olha para o Deus cujo rosto foi se configurando na longa experiência bíblica até culminar no Deus de Jesus de Nazaré. Diante desse Deus, que é Abba, isto é, pai que ama ilimitadamente e perdoa incondicionalmente, que nos entregou o seu Filho “quando ainda éramos pecadores” (Rm 5, 8), que nos deu tudo e segue sempre presente e operante no mundo e na vida (Jo 5, 17)... tem sentido a petição?

Destaca-se a direção expressamente teocêntrica da pergunta: a solução poderá ser mais ou menos acertada, a intenção se dirige para que a nossa oração responda ao que Deus é e quer ser para nós; a preocupação consiste em respeitar do melhor modo possível a irrestrita generosidade do seu amor e a refinada delicadeza da sua oferta. Em suma, trata-se de exercer consciente e respeitosamente a nossa relação de criaturas necessitadas de salvação, acomodando-nos ao modo como o Criador realiza sua entrega salvadora.

Algo cuja profundidade e transcendência se confirma enquanto meditamos um pouco o transfundo ontológico implicado na apresentação que de Deus faz a tradição que culmina em Jesus. Desde o Abba evangélico vemos o Criador como aquele que fez o homem por amor, e só por amor (não precisamente “para servi-lo”, expressão que evoca o que diz o poema babilônico da criação: Mardik criou o homem para que os deuses “pudessem repousar”). Cria-o e o sustenta continuamente no ser, com a única e exclusiva preocupação de fazê-lo avançar, apoiando-se em seu esforço por uma realização o mais plena e humana possível.

Todo o nosso ser está perenemente permeado por seu dinamismo amoroso, que se manifesta e encarna no impulso vital, no desejo do bem, na ânsia de fraternidade e plenitude. Esse impulso, no que tem de estímulo para a realização pessoal e social, respeita a liberdade

humana e se exerce como oferecimento gratuito. Esta liberdade, por sua vez, é uma liberdade finita, jamais plenamente dona de si mesma, continuamente obstaculizada pela inércia e assediada pelo instinto. Deus, que nos criou e “sabe de que massa somos feitos”, reclina-se sobre nós, aplicando todo o seu ser, que “é amor” (1 Jo 4, 8.16), para nos ajudar, nos potencializar e nos dinamizar. De tal sorte que viver autenticamente é acolher seu dinamismo realizador e salvador; ser é “deixar-se ser” por ele; agir é aceitar e “consentir”.

Viver “desde Deus”, essa é a grande descoberta de toda a experiência religiosa autêntica. Da cristã o é, se cabe, com maior razão, dado seu caráter pessoal e histórico. “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair” (Jo 6, 44); e “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20). Esse é, portanto, o mais genuíno e definitivo programa de vida: abrir-se a Deus, deixar-se trabalhar pela força salvadora da sua graça. Não “conquistá-lo”, mas deixar-se conquistar por ele; não “convencê-lo”, mas deixar-se convencer... não “rogar-lhe”, mas deixar-nos rogar. Não vai por aí a misteriosa e fascinante sugestão do Apocalipse: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo”? (Ap 3, 20)

Toda oração, para ser autêntica, tem que se inserir neste movimento fundamental. Movimento em si óbvio, mas na contracorrente do imaginário habitual e das formulações espontâneas, que o ocultam e desviam, aparece nos momentos vivos ou nas experiências mais lúcidas e intensas. Então, torna patente “o paradoxo da oração”. Comentando Rm 8, 26-27, **Tillich** afirma: “A essência da oração é o ato de Deus que está trabalhando em nós e eleva todo o nosso ser até Ele. O modo como acontece é chamado por Paulo de ‘gemidos’. Gemido é uma expressão da fraqueza da nossa existência de criaturas. Só em termos de gemidos sem palavras podemos nos aproximar de Deus, e inclusive estes suspiros são sua obra em nós”.

No fundo, todos sabemos disso ou o pressentimos, e por isso toda a oração, feita com espírito sincero, o supõe e o busca. Esta é a razão pela qual muitos se desconcertam e se sentem ofendidos e irritados quando se lhes diz que sua oração de petição não é coerente com o Deus revelado em Jesus: colocam o acento no “seu”, na intenção subjetiva com que rezam (que é genuína e autêntica); mas não veem que a crítica acentua o “de petição”, isto é, analisa e quer corrigir a estrutura objetiva das fórmulas que expressam (distorcendo-a) aquela intenção.

Isto será ainda mais fácil de ver se desnudamos o esquema imaginário que subsiste à petição. O “desde Deus” originário está recoberto por imagens opostas, de grande força, porque apenas são conscientes e são óbvias desde a infância: não Deus em nós e na realidade, inclinado, sustentando-nos a partir de dentro com todo o seu amor sempre em ação; mas nós aqui e Deus acolá, que nos observa, instrui, manda, julga, nos ajuda enviando-nos de vem em quando algum auxílio... É preciso dirigir-se a ele, chamá-lo para que venha, pedir-lhe que intervenha, talvez lhe oferecendo algum dom ou fazendo algum sacrifício... Honestamente, é muito difícil negar que esse seja o esquema subjacente e ativo na maioria das orações de petição e que objetivamente está implicado em todas. Vamos insistir neste “estar objetivamente em todas”.

3 A PETIÇÃO TRANSCENDIDA E ASSUMIDA:

Quando se entra no novo paradigma, o panorama se clareia. Compreende-se, na sequência, que a maior parte dos argumentos estão subentendidos por um resto, nem sequer consciente, de “positivismo da revelação”: como “está escrito”, é preciso defendê-lo a qualquer custo, mesmo ao preço do artifício lógico e da inconsequência íntima.

4 UMA NOVA COERÊNCIA

Um exemplo claro é o de Hans Urs von Balthasar em seu *Theodramatik*. Começa com um capítulo magnífico, onde mostra como nosso ser é todo ele um “agradecido receber-se de Deus”, com a conclusão de que “nosso agradecido receber-nos deve transformar-se na tendência a configurar a nossa vida como uma palavra de ação de graças”.

Lida nesta perspectiva, a Escritura não perde nada da sua coerência profunda, e, além disso, deixa ver a infinita riqueza de seus matizes e a inacabável sugestão das experiências nela refletidas. Superada a barreira do positivismo, toda essa riqueza pode ser aproveitada sem necessidade de artifícios interpretativos e com a liberdade de quem vai ao essencial.

E creio que se pode afirmar a realidade de um fenômeno importante: este novo estilo já está no ambiente. A ideia encontra eco imediato quando é apresentada com sensibilidade, porque muitas pessoas veem refletida nela sua experiência mais íntima ou captam que alguém está expressando uma intuição que elas já percebiam obscuramente.

Em segundo lugar, muda a atitude diante da reflexão filosófica sobre este problema. O fato de ter tornado consciente a diferença teológica da própria colocação, apoiada no específico da experiência cristã, permite acolher as críticas sem temor de falsear a imagem de Deus; mas também purificar as falsas representações e aproveitar a contribuição positiva. Cabe, assim, por exemplo, ler a famosa “Observação geral” de Kant sem assumir sua concepção abstrata de Deus nem sua falta de caráter autenticamente dialógico; mas também sem renunciar a aprender com o seu respeito pela autonomia humana, com o seu compromisso ético e com a sua fina observação sobre o “espírito de oração”, de clara ascendência paulina. Ou cabe recolher a sugestão de Henri Bergson, quando fala da experiência religiosa mais dinâmica e genuína como de um identificar-se com “o amor de Deus com sua obra”. Ou a de Edmund Husserl, que fala de Deus como “entelequia” última que dinamiza tudo para sua realização plena no bem. Ou a de Friedrich Schleiermacher: ninguém pode deixar-se levar pela força de sua colocação, que vê a oração como a disposição radical de identificar-se com a atitude de Jesus, com a consciência da Igreja e com o dinamismo expansivo do Reino de Deus até nos aproximarmos a fazer que a nossa oração seja verdadeiramente “em nome de Cristo”.

Em terceiro lugar, enriquece e esclarece a oração em si mesma. Este deveria ser agora o objeto de um desenvolvimento detalhado, com suas consequências e seu modelo concreto. Não pode ser desenvolvido aqui, e talvez seja bom assim, pois a colocação, respondendo a

uma nova sensibilidade, deve ainda fazer o seu caminho e seus experimentos. Contentemo-nos com algumas indicações.

Começemos pela coerência mesma da consciência cristã atual. Apesar das defesas teóricas, é claro que não só a experiência individual (que tende a ir deixando a oração de petição de lado para substituí-la pelo louvor, pela acolhida ou pela ação de graças), mas também a coletiva estão avançando por novos caminhos. Hoje, é muito raro e chocante fazer orações para pedir chuva; e são muitos os que não pedem sequer por uma cura, não digamos por um determinado sucesso material. Contudo, no típico processo de abandonar lentamente as posições protegendo-se em pequenos refúgios intermediários, a petição ainda sobrevive em situações menos controláveis: como, com ironia sutil disse J.P. Jossua: “Já não se rezará pela chuva, mas pela paz”. Ou, mais sutilmente ainda, a petição acudirá ao último recurso: “pedir a Deus que sejamos capazes de...”, “que dê forças para...”. Livre-me Deus de ironizar sobre este ponto, pois essas frases supõem um recurso pedagógico profundo, que a todos ajudou. Pois bem, a sequência dos recursos – cada vez mais sutis, mas estruturalmente idênticos – indica por si mesmo que um paradigma está se rompendo e que a melhor coisa é reconhecê-lo e avançar decididamente na direção da nova situação.

5 UMA NOVA RIQUEZA

Porque fazer isso não apenas aproxima um pouco mais a oração da verdade integral da “existência cristã”, mas consegue algo mais importante: liberta para o reconhecimento da sua riqueza e para o exercício de todas as suas formas, assim como para o aproveitamento da sua enorme potencialidade educativa.

Educativa sobre a verdade de Deus, em primeiro lugar. Não tanto porque deixamos de usá-lo como instrumento para os nossos vazios, quanto porque nos colocamos em melhor disposição de crer em seu “incrível” amor.

Quando cortamos o fluxo da petição, obrigamo-nos a ser conscientes de que o nosso ser está já sempre acompanhado por Deus, dinamizado, libertado para a tarefa propriamente humana: não se trata de “pedir” para que nos ajude, mas de crer em sua ajuda já real, apesar de toda possível obscuridade. Além disso, trata-se de nos abirmos ao seu impulso na responsabilidade adulta de quem sabe que tudo já está entregue à sua liberdade (que, no entanto, não está sozinha...). É uma nova versão do *etsi Deus non daretur* (como se não houvesse Deus); mas acrescentaria que não unicamente “sem Deus e diante de Deus”, mas também “desde Deus”, reunindo o “esforço da ética” e o “consolo da religião” (Paul Ricoeur).

A oração é também educativa em relação ao nosso próprio ser. Este é remetido à sua essência mais radical: não um humanismo prometeico, mas esse modo de ser que é “mais que um humanismo”, enquanto pensa o homem na proximidade com Deus, como sua “casa” e seu “pastor”: como sua “imagem”, seu “re-presentante” e “encarnação” viva, para dizê-lo biblicamente.

Concretizando um pouco mais, talvez ajudem duas observações. A primeira é que a linguagem do desejo pode operar como um excelente “conversor”. Quase tudo o que se leva para Deus como petição é na realidade desejo: como indignência própria ou como ânsia de que a saúde e a fraternidade do seu Reino se estendam verdadeiramente no mundo. Pois bem, em vez de “desejar pedindo”, “desejemos desejando”, expressando de modo concreto o desejo, mas agora orientando-o em sua justa direção. Isso significa que, por um lado, dirigir o olhar para Deus que já está trabalhando nessa direção, suscitando o nosso próprio desejo; e, por outro, direcionando o nosso psiquismo para a fé confiada nessa presença ativa, tratando de bendizê-la, acolhê-la e transformá-la em compromisso libertador.

A segunda observação é antes uma aplicação concreta. Suponho que, como eu, muitos sofreram com as piadas de mau gosto e as ironias fáceis e superficiais a propósito de Deus nos tempos de hoje, seja no Oriente, seja no Ocidente: “Deus” ou “Alá”? Pedir que vençam os “cristãos” ou os “muçulmanos”? Coloquemos a questão de maneira mais séria ainda, estremecendo-a para torná-la mais realista: podiam rezar verdadeiramente ao mesmo tempo Estado Islâmico, Joe Biden, Jair Bolsonaro? A questão não é fútil, porque não só foi (ou poderia ter sido) dolorosamente real, mas que desde sempre constituiu um lugar clássico para colocar-se o problema da oração de petição: tem sentido que inimigos peçam a vitória ao mesmo Deus?

O absurdo e o grotesco estão aqui bem na esquina. E enquanto não se abandonar a petição, não vejo muito bem como podem ser esquivados. Mas seria muito grave que na ambiguidade trágica dessa situação limite o homem não pudesse dirigir-se a Deus. O problema começa a se esclarecer, se em vez de petição falarmos de oração. Então sim, duas pessoas verdadeiramente religiosas – abandonemos agora os personagens reais ao mistério da sua consciência pessoal – podem rezar ao (seu) Deus do fundo do coração.

Porque então já não “pedirão” a ele, mas que “se deixarão pedir” por ele. Isto é, reconhecerão que a situação é contrária ao amor de Deus, aos seus planos e à sua ação no coração de todos para instaurar a paz entre os homens; que ele, não nós, é o primeiro a querer a melhor solução e que são as circunstâncias e, sobretudo, o nosso egoísmo que se opõem; reconhecerão que também eles estão incursos nessa oposição e tratarão de deixar-se instruir, calando o egoísmo, os desejos de vingança, a prepotência...; tomarão consciência de que, apesar de tudo, Deus está com eles “empurrando-os” para a melhor solução, tratando de iluminá-los, ajudá-los o quanto puder; tentarão descobrir qual é esse caminho de Deus, recorrendo à Escritura, ouvindo o coração, examinando a situação, dialogando com especialistas...; finalmente, sem nunca estar seguros de poder dizer que sua decisão é a de Deus, embora tratando de que coincida com ela e confiando em que, apesar de tudo, Deus os está acompanhando, assumirão sua responsabilidade: que pode ser o acordo, o adiamento ou a tragédia do conflito...

O exemplo é escabroso e não sei em que medida as indicações são minimamente acertadas. Somente tratam de fazer ver de alguma maneira que uma postura religiosa autêntica, mesmo feita de credos diferentes, permitiria a Estado Islâmico e Jair Bolsonaro – a Jair Bolsonaro e o Estado Islâmico “ideais” – rezar de verdade, respeitando a transcendência de

Deus e confessando seu amor, ao mesmo tempo que educariam eles seu próprio interior para trabalhar do melhor modo possível.

CONCLUSÃO

Uma aposta aberta

Em todo o caso, o exemplo visualiza mais uma vez que não é fácil rezar assim. Exige uma reconversão que pode ser penosa, e às vezes o preço inicial parece ser muito grande: desconcerto na oração, necessidade de recompor o próprio mundo interior a partir de raízes muito íntimas e muito queridas. Pode dar a impressão de entrar em uma agitação onde tudo anda alvoroçado e as fórmulas por serem encontradas, até chegar à vertigem de sentir a ameaça de “ficar sem Deus”. Conheço pessoas, inclusive teólogos, que, iniciado o caminho, o abandonaram. E experimentei uma resistência muito grande em relação a estas ideias.

Contudo, creio que não somente é necessário enfrentar diretamente o problema, mas que hoje já estamos em condições de fazê-lo. De fato, também há pessoas que deram o passo, e, superado o desconcerto inicial, reconhecem, agradecidas e mesmo entusiasmadas, o novo espaço que se abre assim ao espírito – ao Espírito –, espaço que se traduz na dissolução real das suspeitas sobre a oração, em uma vivência mais personalizada (desfeita a rotina das mil frases feitas de que a nossa mente está povoada) e, sobretudo, mais atenta à originalidade de Deus em nossa vida e à incrível gratuidade do seu amor.

Em todo o caso, estas ideias são um oferecimento ao diálogo e uma busca de intercâmbio de experiências. Desde já, este trabalho só tem sentido como tentativa de comunicar algo que creio que pode ajudar para uma vida de oração mais crítica, rica e atualizada

REFERÊNCIAS

- ESTRADA, J. A. *A impossível teodicéia: a crise da fé em Deus e a questão do mal*. São Paulo: Paulinas, 2004
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, (vol. I) 1988, (vol. II) 1990.
- JONAS, Hans. *O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia*. Trad.: Lilian Simone Godoy Fonseca. São Paulo: Paulus, 2016.
- TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar o mal: da ponerologia à teodicéia*. 1º ed. São Paulo: Paulinas, Trad: Afonso Maria Ligório Soares, 2011
- TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a revelação: revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010
- TORRES QUEIRUGA, A. *A revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, Trad: Afonso Maria Ligório Soares, 1995
- TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai: O Deus de Jesus como afirmação plena do Humano*. São Paulo: Paulinas, 1993
- TORRES QUEIRUGA, A. *O diálogo das religiões*. São Paulo: Paulus, 1997

TORRES QUEIRUGA, A. Repensar o mal na nova situação secular. *Perspectiva Teológica*, v.33, n 91(2001): O MAL.

TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do Cristianismo pré-moderno*: desafios para um novo horizonte/Andrés Torres Queiruga; Tradução: Afonso Maria Ligório Soares – São Paulo: Paulus,2003.

TORRES QUEIRUGA, A. *Esperança apesar do mal*. A Ressurreição como horizonte. Trad.: Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2007.

TORRES QUEIRUGA, A. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*: por uma nova imagem de Deus. Trad.: José Afonso Beraldin. São Paulo, Paulinas, 2001.

TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a cristologia*: Sondagens para um novo paradigma. Trad.: Maria Luísa Garcia Prada. São Paulo: paulinas, 1998.

TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a Salvação*: Por uma interpretação libertadora da experiência cristã. Trad.: Afonso Maria Ligório Soares. São Paulo: Paulus, 1999.

TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a Ressurreição*: A diferença na continuidade das religiões e da cultura. Trad.: Afonso Maria Ligório Soares e Anuar Jarbas Provenzi. São Paulo: Paulinas, 2004.

BALTHASAR, H. U. von, *The dramatik*. II/I. Der Mensch in Gott, Einsiedeln. 1976.